

O COMÉRCIO INFORMAL DE VIÇOSA (MG) E SUAS DIFERENTES FINALIDADES PARA AS FAMÍLIAS ENVOLVIDAS¹

INFORMAL TRADE IN VIÇOSA (MG) AND ITS DIFERENT TARGETS FOR THE INVOLVED FAMILIES

Juliana Lopes Lelis²
Neide Maria de Almeida Pinto³
Ana Louise de Carvalho Fiúza⁴
Sheila Maria Doula⁵

1. RESUMO

Este trabalho teve como objetivo identificar as diferentes finalidades que o comércio informal de Viçosa (MG) assumia na vida das famílias envolvidas com a atividade. Para tanto, foram utilizados como procedimentos metodológicos: a observação não-participante, a aplicação de questionário e entrevistas. Ao final, a pesquisa revelou que é crescente a participação da informalidade na vida da população viçosense, com aproximadamente 230 estabelecimentos comerciais⁶. Além disso, em resposta a uma tendência nacional, a informalidade viçosense não se revelou como a única opção de trabalho para os comerciantes, mas sim, como uma boa perspectiva de emprego. Nesse contexto, os seus espaços revelaram não somente uma condição de pobreza, mas diferentes estratégias reprodutivas dos grupos inseridos no cotidiano dessa atividade. Portanto, possuía um caráter tanto funcional quanto simbólico.

¹ As discussões apresentadas nesse artigo fazem parte da dissertação intitulada “*Territórios da Informalidade: as diferentes estratégias reprodutivas das famílias inseridas no comércio informal de Viçosa (MG)*”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica, da Universidade Federal de Viçosa, MG.

² Geógrafa e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), Viçosa, Minas Gerais, Brasil. jullelis@yahoo.com.br

³ Doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC), Brasil, e atualmente é Professora Adjunta do Departamento de Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, Minas Gerais, Brasil. nalmeida@ufv.br

⁴ Doutora em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Brasil. Atualmente é Professora Adjunta do Departamento de Economia Rural da Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, Minas Gerais, Brasil. louisefiúza@ufv.br

⁵ Doutora em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP), Brasil, e atualmente é Professora Adjunta do Departamento de Economia Rural da Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, Minas Gerais, Brasil. sheila@ufv.br

⁶ Neste artigo, a expressão estabelecimento comercial não deve ser compreendida de forma semelhante a um estabelecimento formal, pois possuem características estruturais e organizacionais diferenciadas.

Palavras-chave: Comércio informal. Estratégias reprodutivas. Família.

2. ABSTRACT

This study intends to identify the different purposes that the informal trade of Viçosa (MG) assume the lives of the families involved. As instruments methodologists were used: a non-participant observation, the questionnaire and semi-structured interviews. The survey revealed that is increasing the participation of informal activities in the life of the Viçosa population. Nowadays, there is about 230 settlements scattered for the downtown area. And yet, in response to a national trend, the Viçosa's informality not restricted as only option of the work for their workers, but also a good prospect of employment, where traders believed that they would attain better living conditions, or could maintain family ties. In this context, the spaces revealed not only a condition of poverty, but also, different reproductive strategies of the groups that entered of this activity. And, therefore, had a character functional and symbolic.

Keywords: Informal trade. Reproductive strategies. Family.

3. INTRODUÇÃO

O cenário socioeconômico brasileiro tem, a cada dia, mais indivíduos que estão localizados à margem da sociedade, ou seja, pessoas que possuem dificuldades de manter as condições básicas de sobrevivência física e social. Tal situação é marcante no espaço urbano brasileiro, especialmente a partir de 1980, quando o quadro de desigualdade social se acirrou em decorrência do fenômeno da mundialização da economia, que trouxe novas configurações ao universo do trabalho.

Com o advento da globalização e do neoliberalismo, o mercado de trabalho tornou-se mais flexível e poupador de mão de obra, acarretando diminuição e maior seleção na absorção da força de trabalho no circuito formal da economia, o que contribuiu para a exclusão de uma parcela da população e a intensificação de atividades precárias⁷ no espaço urbano brasileiro.

⁷As atividades precárias são caracterizadas pela instabilidade nas relações de trabalho (atividades realizadas sem registro), como também pela ausência de uma estrutura física adequada (HIRATA, 2007).

É neste contexto que a informalidade⁸, vista como um problema social urbano, ganhou notoriedade nos discursos políticos e científicos, uma vez que se tornou uma alternativa de emprego para muitos trabalhadores. Desde a década de 1980, o grau de informalidade vem crescendo consideravelmente no Brasil. Segundo Cacciamali (2000), entre a década de 1980 e 2000, o percentual de pessoas envolvidas nessas atividades quase duplicou (o grau de informalidade que era de 36% em 1986, alcançou uma taxa de 60,8% em 2000), o que demonstra a importância deste setor para a economia brasileira.

De maneira concomitante a sua intensificação no espaço urbano brasileiro, os estudiosos ampliaram as pesquisas sobre esta temática, buscando, principalmente, consolidar a interpretação do seu conceito. Pelo fato de ainda ser uma discussão recente e restrita a determinadas áreas do conhecimento, existem diversas interpretações. Alguns estudiosos focam a estrutura de trabalho, outros o modo de organização e, mais recentemente, há um grupo que acredita que os locais de atividade informal não refletem somente uma condição de pobreza, mas sim diferentes estratégias reprodutivas de indivíduos e famílias que a veem como uma oportunidade de realização de outros objetivos de vida, como a obtenção de autonomia e flexibilidade no trabalho.

Assim, assumindo diferentes finalidades na vida da população, a economia informal cresce cada vez mais, estando presente de forma significativa tanto nos grandes centros urbanos quanto nas pequenas e médias cidades brasileiras. No entanto, em cada localidade, a informalidade se manifesta de forma diferenciada, pois está inserida em um contexto socioespacial específico e é constituída por grupos com interesses diversos.

É nessa perspectiva que o presente artigo buscou conhecer o universo da informalidade numa cidade de médio porte, Viçosa (MG), tendo como objetivo principal identificar as diferentes finalidades que o comércio informal viçosense assume na vida das famílias inseridas em suas atividades, a partir, especificadamente, do motivo que as levaram a buscar a informalidade e da caracterização do perfil de seus trabalhadores.

⁸ O conceito de informalidade será discutido posteriormente.

4. METODOLOGIA

Para compreender as finalidades que o comércio informal viçosense exerce na vida das famílias envolvidas em seu cotidiano, a cidade foi considerada como o *locus* das relações sociais, compreendida como um espaço em constantes transformações e que adquire novas funções e sociabilidades através da inserção de diferentes atores no seu cotidiano (SANTOS, 2003). Portanto, o nosso ponto de partida foi acreditar que o espaço urbano reflete a dinâmica estabelecida por indivíduos e grupos que possuem diferentes estratégias de sobrevivência. Dessa forma, para o embasamento na discussão da temática, buscou-se aporte teórico nos estudos de Costa e Rodrigues (1995), Cacciamali (2000), Pamplona e Romeiro (2002), Santos (2003) e Hirata e Machado (2007).

A pesquisa foi realizada com os comerciantes informais de Viçosa (MG). Esta cidade foi escolhida por possuir características peculiares se comparadas a outras cidades de mesmo porte e, ainda, por ter no seu espaço urbano um número considerável de comerciantes informais. A sua peculiaridade é dada por ser uma cidade universitária e exercer grande influência econômica nas cidades vizinhas, tanto no que se refere ao aspecto educacional e comercial quanto na área da saúde. E, por outro lado, ser palco de uma crescente desigualdade social, refletida na segregação do seu espaço urbano, nos índices de pobreza (20,81% de acordo com os dados do IBGE 2010), bem como na intensificação das atividades informais nos diferentes setores da sua economia, principalmente no comércio.

Em Viçosa, durante a pesquisa de campo, encontramos três espaços específicos de atividade comercial informal que possuíam dinâmicas diferenciadas, conhecidos como Feira Livre, Feira de Artesanato e Shopping Chequer, além dos ambulantes que estavam espalhados pela sua área central.

O Shopping Chequer é um espaço formado por aproximadamente trinta e cinco barracas, que se localiza na chegada da cidade de Viçosa e fica próximo à rodoviária. São estabelecimentos que variam em relação às estruturas e mercadorias comercializadas, existindo tanto aqueles que se assemelham a comércios formais, quanto os comerciantes que expõe as mercadorias em precárias estruturas.

As Feiras são espaços periódicos de comércio informal. A Feira de Artesanato é realizada aos sábados, no turno da manhã, na praça central da cidade. Já a Feira Livre

está localizada na Avenida Gomes Barbosa, em um espaço mais afastado do centro, possuindo aproximadamente cento e trinta estabelecimentos. Estes comercializam desde produtos hortifrutigranjeiros, artesanatos e comida, até CD's, DVD's e roupas industrializadas.

E os que não se encontram localizados nestes espaços são compostos por comerciantes fixos e temporários, que se distribuem pela área central da cidade e se destacam pela precariedade das condições de trabalho.

Diante da diversidade de espaços comerciais informais, a população contatada foi composta pela totalidade destes comerciantes, 228. Sendo que 34 se encontravam no Shopping Chequer, 20 na Feira de Artesanato, 44 espalhados pelas ruas centrais (ambulantes e camelôs) e 130 na Feira Livre. Deste total, 20 comerciantes não quiseram participar da pesquisa e, assim, a amostragem foi composta por 208 comerciantes, distribuídos da seguinte maneira: 19 na Feira de Artesanato, 29 no Shopping Chequer, 37 ambulantes e camelôs, e 123 na Feira Livre.

No que se refere ao trabalho de campo, a inserção empírica constou inicialmente de uma fase exploratória que buscou conhecer algumas características da população pesquisada, como as condições de trabalho e as relações sociais construídas no seu cotidiano. Essa etapa ocorreu através da observação não-participante e de conversas informais com os comerciantes.

A seguir, iniciou-se a aproximação com estes comerciantes a partir de uma conversa e da entrega do termo de consentimento onde apresentamos, também, os objetivos da pesquisa. Nesse documento buscamos assegurar aos comerciantes entrevistados o sigilo da sua identidade e a ausência de qualquer tipo de prejuízo ao seu estabelecimento, uma vez que já era sabido o receio destes trabalhadores com a publicação dos seus nomes e de suas informações.

Posteriormente realizou-se a aplicação dos questionários e entrevistas semiestruturadas de modo a identificar o perfil socioeconômico das famílias envolvidas nas atividades informais da cidade de Viçosa, MG, e o motivo de sua inserção na atividade.

No que se refere à análise de dados, esta se efetuou através do programa SPSS (*Statistical Package for the Social Science*), que, atualmente, é um dos aplicativos mais utilizados para a análise estatística de pesquisas em Ciências Sociais. Com este

aplicativo foi possível criar um ambiente digital das informações coletadas que, posteriormente, foram analisadas por algumas ferramentas do SPSS, principalmente do comando de Análise Descritiva a partir, principalmente, dos procedimentos de análise de frequência e tabela cruzada. Com o uso da primeira foi possível obter frequências absolutas e relativas de diferentes características do grupo. E, a partir da tabela cruzada, pôde-se relacionar diferentes características a fim de identificarmos a relação estabelecida entre as variáveis.

Aliadas às ferramentas do SPSS foram realizadas exaustivas leituras e releituras do material que fora transcrito, de modo que, através de categorias analíticas, pudéssemos interpretar e associar as informações suscitando a identificação das características do comércio informal de Viçosa (MG).

5. ECONOMIA INFORMAL: UMA ESTRATÉGIA PARA A SOBREVIVÊNCIA FAMILIAR

A cidade, desde os seus primórdios, se revela palco de diferentes relações econômicas, sociais, culturais, políticas e espaciais. São relações que se apresentam de forma diferenciada a cada mudança ocorrida nos modos de produção da economia global e na vida da população. Considerando, assim, que a produção espacial realiza-se no plano do cotidiano e que a partir dessas relações aparecem novas formas de apropriação, de utilização e de ocupação de um determinado lugar, a cidade, torna-se, portanto, o *locus* das relações sociais (SANTOS, 2003).

Telles (2009), analisando especificadamente as cidades brasileiras, revela que estas estão em constantes transformações, sobretudo por conta da maior integração do espaço produtivo brasileiro à economia mundializada, às prioridades governamentais e às especificidades econômicas, culturais e espaciais de cada lugar. Portanto, é neste contexto de mudanças nas relações econômicas que o crescimento do setor terciário tem sido uma tendência mundial, evidenciada pela ampliação do trabalho autônomo e pela intensificação da informalidade no espaço urbano brasileiro.

Castells (2009), de forma complementar, destaca que além desses processos presenciados numa escala global, as mudanças na organização socioespacial no Brasil são decorrentes do processo histórico de ocupação do espaço urbano brasileiro. Durante séculos, o Brasil se caracterizou como um país agrário, onde as atividades agrícolas e o

meio rural eram preponderantes, mas foi com o processo de industrialização e urbanização que ocorreu o crescimento das cidades e a ampliação de suas infraestruturas. Entretanto, com uma herança colonial marcada pela ocupação diferenciada dos espaços, as cidades não se desenvolveram de maneira uniforme. Nas palavras de Matos (2010):

O grau, a forma e a intensidade da exploração colonial influíram na cristalização das desigualdades sociais que resistiram ao tempo. A acessibilidade à riqueza no passado condicionou a evolução econômica e as condições sociais do presente, uma vez que nas suas origens combinavam-se múltiplas circunstâncias relacionadas à geração e apropriação dos excedentes econômicos, algo que envolvia desde os arranjos institucionais (laicos ou religiosos), até o acesso restrito à propriedade e aos recursos naturais, ou a excessiva dependência da colônia em relação à metrópole (MATOS, 2010, p.20).

Segundo Castells (2009), o reflexo desses processos foi uma modernização da economia marcada pela desigualdade de renda e riqueza, grandes desequilíbrios regionais, desníveis entre zona rural e urbana, desatenção ao investimento em capital humano, segmentação no mercado de trabalho e intensificação do trabalho informal e ilegal. Para Gonçalves (2001), é neste contexto que proliferaram o subemprego, o trabalho precário e o informal, sendo essas as maneiras encontradas por grande parte da classe trabalhadora para garantir a sua sobrevivência.

Assim, ao envolver diferentes setores da economia e atrair, cada vez mais, um número crescente de trabalhadores, a informalidade ganhou notoriedade nos discursos acadêmicos. De acordo com Melo e Telles (2000), não há na literatura um consenso em relação ao seu conceito e, por isso, pode representar fenômenos distintos, que vão desde a evasão fiscal até as atividades de populações marginalizadas que buscam a sobrevivência familiar.

A sua primeira interpretação estava relacionada aos setores da economia que não acompanhavam o desenvolvimento econômico, sendo, dessa forma, analisadas nas relações de subemprego. A seguir, com a crescente busca pela formalização das relações de trabalho, a economia informal passou a ser entendida pela própria noção de formalização. Foi caracterizada por aquelas atividades que não garantiam os direitos trabalhistas a seus empregados e que não possuíam o registro no órgão de classe, assim, era sinônima de ilegalidade. Por fim, a partir da década de 1990, Hirata e Machado (2007) apresentaram um novo patamar dessa discussão, em que a informalidade é

desvinculada da pobreza, por acreditarem que a primeira não necessariamente implica na segunda. Nessa nova perspectiva, os autores acreditam que se todos os trabalhadores informais estivessem inseridos por meio de uma estratégia única de sobrevivência, não haveria tanta controvérsia a respeito da definição de informalidade.

Neste artigo, o conceito de informalidade baseou-se nesta última perspectiva, considerando como comerciantes informais, os proprietários e trabalhadores que participam da produção em pequenas unidades produtivas, onde as relações entre capital-trabalho não se encontram bem estabelecidas, seja no âmbito da organização do trabalho, como no cumprimento das regras legais e, ainda, que ocupam indevidamente espaços públicos (CACCIAMALI, 2000).

No entanto, independente da abordagem adotada, os autores concordam que, a partir da década de 1990, a presença das atividades informais no espaço urbano se intensificou, sendo uma opção de trabalho para muitas famílias. Para Guimarães (2002), a inserção na informalidade pelas famílias é uma estratégia de sobrevivência que visa a manutenção do grupo, tanto nos aspectos econômicos (sobrevivência física e biológica) quanto nos sociais e culturais (sobrevivência da família enquanto um grupo na sociedade). Assim, a família assume um importante papel para a reprodução dessa atividade e, do mesmo modo, a atividade contribui para a manutenção do grupo.

É importante ressaltar que as famílias não são homogêneas e, portanto, as suas estratégias de reprodução social implicam diferentes finalidades que são internalizadas por meio de diversos tipos de conflitos, de negociações e de consensos entre os membros que as compõem. Assim, as estratégias de reprodução podem ser variadas, como resultado do modo de vida construído pelo grupo familiar (COSTA; RODRIGUES, 1995).

Conforme aponta Cacciamali (2000), a busca pela sobrevivência é a principal justificativa das famílias para a sua inserção nas atividades informais. Para grande parte delas, a atividade informal é a única opção de emprego ou um complemento importante à renda familiar. Entretanto, como já destacado por Hirata e Machado (2007), as justificativas sobre a inserção na atividade informal não estão vinculadas apenas à luta pela sobrevivência numa situação de pobreza.

Observa-se, portanto, que não somente os trabalhadores com dificuldade em inserirem no mercado de trabalho formal estão procurando as atividades informais.

Muitos buscam essa atividade enquanto uma oportunidade de alcançarem outros objetivos de vida, como a flexibilidade e a autonomia no trabalho ou, ainda, a manutenção de uma tradição familiar.

6. O COMÉRCIO INFORMAL DE VIÇOSA E SUAS DIFERENTES FINALIDADES PARA AS FAMÍLIAS

Diante dessas novas características da informalidade brasileira, Viçosa, uma cidade universitária localizada no interior da zona da mata mineira, também é palco da intensificação das atividades informais. De acordo com informações do secretário municipal da fazenda, nos anos de 1980, tinha-se cerca de cinquenta comerciantes informais na cidade, já em 2010 (ano de realização da pesquisa), encontrava-se no espaço urbano da cidade aproximadamente 230 estabelecimentos envolvendo, direta e indiretamente, 560 pessoas (familiares, amigos e ajudantes), que atuavam como ambulantes, camelôs, feirantes e artesãos.

O crescente número de comerciantes informais influenciou na construção e consolidação de espaços específicos para a realização da atividade, como o Shopping Chequer, a Feira Livre e a Feira de Artesanato. Além destes, as calçadas da área central, o calçadão Arthur Bernardes e as praças também são locais clássicos do comércio informal, ocupados, principalmente, pelos ambulantes e camelôs.

O comércio informal viçosense se destaca pela ampla variedade de mercadorias, onde se encontra desde produtos hortifrutigranjeiros, comidas (laticínios, derivados, doces e lanches), artesanatos feitos com diferentes materiais, utensílios domésticos, itens de vestuário, artigos para leitura, produtos eletrônicos e seus artefatos (MP3, rádios, fones, CD's, DVD's), até flores. Também se sobressai devido a sua consolidação como atividade econômica na cidade, visto que os comerciantes informais possuem, em média, 12,8 anos de dedicação ao comércio informal, sendo que 70,8% estão na informalidade há mais de cinco anos.

Além disso, vem se apresentando como atividade importante para a população local e microrregional, uma vez que 87,7% dos seus comerciantes declararam-se naturais de Viçosa e região. A atração que Viçosa exerce sobre as cidades vizinhas é reflexo tanto das mudanças ocorridas na economia global (fenômeno da mundialização da economia e da sociedade), quanto dos aspectos econômicos e sociais da cidade, uma

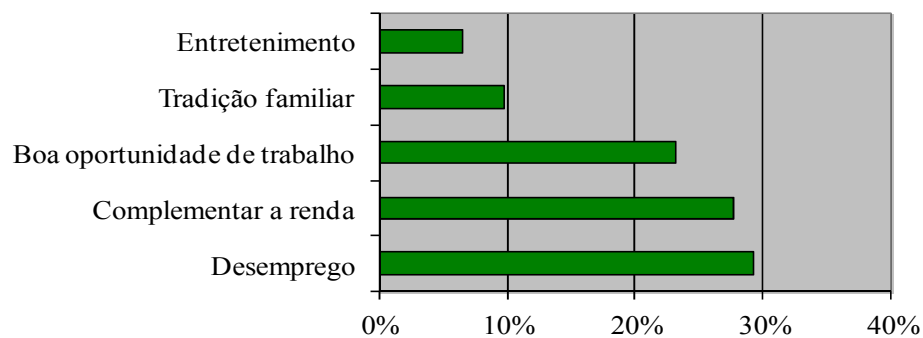
vez que esta cidade obteve um acelerado crescimento urbano em função da universidade, não associado às melhorias na qualidade de vida da população.

No que concerne às suas particularidades, Viçosa (MG) tornou-se um atrativo, pois, frente aos municípios próximos, assumiu, ao longo das décadas, maior dinamismo (comercial e de prestação de serviços), caracterizando-se como um subcentro regional. Desse modo, atrai pessoas da região e demais localidades que veem nessa cidade uma opção de emprego ou de melhoria das condições de vida, seja trabalhando no mercado formal ou informal.

No que se refere a demais características dos comerciantes informais, estes se destacaram por pessoas do sexo masculino (66,8%), casadas (70,7%) e que possuíam uma baixa escolaridade. 50,5% possuíam ensino fundamental incompleto, sendo que 23,1% estudaram até o 5º ano. Além disso, 82,7% dos comerciantes informais estavam na idade produtiva (18 a 60 anos), com destaque para a faixa etária entre 25 a 60 anos. Tais dados demonstraram que além da importância do comércio informal para a sobrevivência da população, havia um dispêndio da força de trabalho com uma atividade que não é contabilizada no PIB brasileiro, pois não se enquadra na legislação trabalhista e empresarial.

Ao apresentar um perfil heterogêneo de seus comerciantes, os motivos de inserção também se caracterizaram por diferentes finalidades, como pode ser visto no gráfico a seguir:

Gráfico 1 – Razão pela qual os comerciantes se inseriram no comércio informal Viçosense



Fonte: Dados da Pesquisa.

A partir das justificativas apontadas no Gráfico 1, foi possível identificar a existência de três estratégias distintas pela inserção das famílias no comércio informal, são elas: o comércio informal como única opção de trabalho, como uma opção de vida, e, ainda, como uma possibilidade de manutenção dos laços familiares.

6.1. O comércio informal como única opção de emprego

Diferentes autores, como Coelho (1992) e Pamplona e Romeiro (2002), destacaram a informalidade como a única opção de emprego para os trabalhadores, que, por algum motivo, não conseguiram se inserir no setor formal da economia. Para Santos (1999), a atividade é considerada uma válvula de escape. Nessas concepções, a informalidade não é um ambiente que viabilize e estimule o empreendedorismo como uma alternativa ao emprego regular, e sim o lugar em que, de modo precário, ocorre a reprodução da vida de parcelas crescentes da população.

Em Viçosa, essa função da informalidade assumiu uma dimensão relevante para a vida das famílias envolvidas, visto que 49% dos comerciantes informais entrevistados se incluíram nessa tipologia, pois destacaram a inserção da informalidade como uma saída do desemprego e/ou subemprego. De maneira mais detalhada, 29,3% encontraram no comércio informal a única opção de trabalho; e 19,7% uma forma de complementar a renda familiar⁹, já que esta era pequena frente às necessidades da família.

Nessa categoria, destacaram-se os feirantes da feira livre, comerciantes do Shopping Chequer e ambulantes. Dentre os feirantes, a maioria encontrou na atividade informal uma forma de complementar a renda, visto que o salário não era o bastante para manter a família. 21% eram aposentados e 46% produtores rurais, ambos possuíam renda mensal de um salário mínimo. Os produtores rurais adquiriam a sua renda a partir da prática da agricultura que ocorria em sua propriedade agrícola, ou na propriedade de algum familiar ou amigo.

Assim, aliados a uma situação de baixo salário, a feira foi uma opção de trabalho, já que permitia fácil acesso, seja através da liberação do alvará pela prefeitura municipal ou mesmo a partir de uma inserção ilegal, uma vez que a prefeitura não

⁹ A justificativa “complementar a renda” foi dada por 27,7% dos entrevistados. No entanto, 19,7% deste total a relatou em um contexto de desemprego e a outra parcela, diante de melhores condições salariais.

possuía total controle no fluxo dos seus comerciantes. Outro fator que contribuiu para a busca desse espaço na cidade foi a sua realização apenas aos sábados, dia em que muitos não trabalhavam ou possuíam uma jornada de trabalho reduzida, permitindo a flexibilidade de trabalho. Já os camelôs e comerciantes do Shopping Chequer eram caracterizados por pessoas que não possuíam outra fonte de renda e, portanto, buscaram a informalidade como única opção de emprego.

A inserção dessa parcela de comerciantes informais ocorreu por meio de uma estratégia de sobrevivência, de modo a garantir uma renda mínima para a família. Tal estratégia pode estar ligada a diferentes finalidades, entretanto, nesse caso, estava relacionada à pobreza, pois é justamente para evitar essa situação ou aliviá-la que os indivíduos ingressaram no mercado de trabalho informal.

Assim, a informalidade como única opção de emprego pode ser vista através da história de vida do Sr. José, a seguir:

Sr. José, um camelô de 63anos, vendia ABC e tabuada numa rua central da cidade. Solteiro, ele dividia a casa com sua irmã que era dona de casa. Quando os seus pais morreram, ele se viu numa situação financeira difícil, pois eram os mesmos que realizavam as despesas da família. Assim, com apenas a sua aposentadoria, ele buscou no comércio informal uma forma de aumentar a renda, que até o momento, era de um salário mínimo (Sr. José, 63 anos, ambulante).

No que se refere às mercadorias, estes comerciantes vendiam principalmente produtos eletrônicos, itens de vestuário, lanches e hortifrutigranjeiros, com uma forte tendência para os dois últimos produtos. Esta tendência foi apresentada pelos cálculos estatísticos do programa SPSS, visto que o valor esperado para os itens de vestuário era de 15,6%, entretanto, este apontou uma frequência de 21%. Do mesmo modo, o valor esperado para os lanches era de 10,5% e o valor encontrado foi de 18%.

A porcentagem relevante de produtos hortifrutigranjeiros estava relacionada à dedicação dos comerciantes à produção agrícola. Estes viram, no comércio informal, uma renda através do seu cultivo, seja comercializando o seu excedente ou mesmo realizando o plantio com a finalidade de venda. Já os lanches foram uma opção de venda devido à facilidade de preparo e também por acreditarem que era um produto que permitiria maior lucro nas ruas de Viçosa (MG).

Os comerciantes informais incluídos nessa categoria foram caracterizados pelas precárias condições de trabalho. Em média, recebiam aproximadamente dois salários

mínimos, com porcentagem relevante em relação àqueles que sobreviviam com apenas um salário mínimo (42%) ou, ainda, os que recebiam uma quantia inferior (28%).

Em relação às estruturas de trabalho, foram as barracas que apresentaram estruturas mais deficientes, uma vez que, se comparadas às demais, possuíam um pior revestimento (plástico, alumínio) ou, ainda, em alguns locais, tinha-se a ausência de estrutura para a venda dos produtos, sendo esta realizada no chão. Além disso, realizavam longas jornadas de trabalho, com médias de nove a dez horas diárias nas atividades realizadas em período integral, e sete horas nas realizadas periodicamente, como as feiras. De acordo com Carvalho (1989), mesmo existindo outras justificativas, ela acredita que a aceitação dos trabalhadores informais às estruturas precárias é decorrente da atividade ser a única alternativa de subsistência.

Assim, diante de uma situação de precarização do trabalho, uma das alternativas encontradas pelos comerciantes informais foi a busca pela ajuda da família. Portanto, a participação dos familiares nessa tipologia foi fundamental para a realização da atividade, visto que participavam de diferentes etapas: no momento da venda dos seus produtos, na sua colheita (produtos hortifrutigranjeiro), no seu feitiço (produtos artesanais) e/ ou preparo (lanches).

Segundo Santos (1999), o trabalho familiar é uma característica marcante da informalidade, uma vez que, de maneira geral, as relações de parentesco estão na base da atividade. Na maioria das vezes, os indivíduos não recebem nenhum salário pelo seu trabalho, sendo o seu interesse contribuir na manutenção da sobrevivência familiar.

Contudo, a informalidade não foi vista apenas como única opção de trabalho. Houve aqueles comerciantes que a viram como uma boa perspectiva de emprego, como pode ser visto no tópico a seguir.

7. O COMÉRCIO INFORMAL COMO UMA OPÇÃO DE TRABALHO

Como abordado por Hirata e Machado (2007), a economia informal vem, aos poucos, aumentando a sua influência na economia formal, sendo vista pelos pesquisadores não mais como atividades precárias e distantes da vida de todos, mas sim uma atividade presente no cotidiano das pessoas e que abrange uma diversidade de atividades. Estudos recentes apontaram que os espaços de atividade informal, principalmente o comércio, estão sofrendo transformações no perfil de seus

comerciantes e nas condições de trabalho, sendo, muitas vezes, uma opção de emprego para muitos trabalhadores e não somente a única alternativa. Portanto, ela não pode ser considerada apenas como um conjunto de atividades precárias desempenhadas por pessoas destituídas de qualificação e que se situam às margens da sociedade, pois, com a inserção de pessoas qualificadas e um crescente relacionamento com a formalidade, esta vem apresentando novas tendências.

Nessa perspectiva, na cidade de Viçosa, 26,9% das famílias se inseriram no comércio informal por considerá-lo uma boa opção de trabalho, seja por possuírem habilidades na confecção e produção das mercadorias, por possibilitar o acréscimo da renda familiar ou por acreditarem que seria uma atividade mais lucrativa em relação às outras opções de emprego existentes na cidade. E, além disso, por possibilitar o trabalho por conta própria. Para Machado, Penido e Oliveira (2005), a justificativa para essa diversidade no universo da economia informal é dada pela busca dos trabalhadores por jornadas de trabalho flexíveis, controle de seu próprio negócio e, ainda, pela facilidade de ingresso.

Destacaram-se, nesse coletivo, comerciantes do Shopping Chequer (Marcos Moda, Cândido Modas, Rosa Fashion, Princesinha, dentre outros), feirantes da Feira Livre (principalmente produtores rurais, pasteleiros e donos de sacolões e mercados na cidade de Viçosa ou cidades vizinhas), artesãos da Feira de Artesanato que possuíam outra ocupação – ou seja, não dependiam somente da atividade informal – e, em menor proporção, alguns camelôs.

Dentre as mercadorias, tem-se o destaque para os hortifrutigranjeiros (48%) e os itens de vestuário (29%). A maior comercialização desses produtos foi justificada por permitirem maior renda, devido à intensa procura desses produtos pela população que frequenta os espaços de comércio informal.

Nessa tipologia, a renda alcançada com a atividade era em média de quatro salários mínimos, apresentando renda mínima de dois salários e renda máxima de nove salários. Os comerciantes que recebiam a maior renda estavam distribuídos no Shopping Chequer e na Feira Livre, já os que detinham uma renda mais restrita se encontravam na Feira de Artesanato. A presença de uma maior renda entre esses comerciantes permitia um maior investimento nas condições de trabalho e, portanto, alguns de seus estabelecimentos eram semelhantes aos comércios formais. Este fato foi comprovado

devido à estrutura das barracas; pelo uso mais frequente de equipamentos que facilitavam a venda, como as máquinas de cartão de crédito; e, também, pela utilização de mão de obra contratada¹⁰.

Segundo Hirata e Machado (2007), em alguns espaços de comércio informal, os estabelecimentos são semelhantes aos comércios formais, principalmente no que se refere à comercialização de mercadorias e às condições de trabalho. Para Santos (1999), a economia informal e a economia formal não são excludentes, mas sim complementares.

No momento de realização da atividade, os laços sociais construídos por estes comerciantes não estavam focados apenas na família, pois havia também a presença de funcionários e comerciantes formais que auxiliavam na venda e compra de mercadorias. A presença de funcionários é um aspecto que possibilitava melhores condições de trabalho, pois supria algumas necessidades do estabelecimento, muitas vezes, impossibilitadas de serem realizadas pelos membros familiares. Os laços estabelecidos com os comerciantes formais eram construídos principalmente nos momentos de compra das mercadorias, ou mesmo na ajuda com o fornecimento de uma luz, como foi um caso presenciado por uma comerciante informal de pizza e um dono de um comércio. No entanto, a família também se destacou no interior das redes sociais construídas por estes comerciantes. Para as famílias, essa atividade era de suma importância, uma vez que permitia a ampliação da renda, o desenvolvimento de trabalhos prazerosos e, ainda, a administração do próprio negócio.

Assim, a finalidade que o comércio informal exercia para essas famílias pode ser vista na história de vida do Sr. Francisco:

Sr. Francisco, desde criança trabalhava com os seus pais na roça. Quando cresceu ele comprou um terreno e iniciou a sua própria produção. Com o tempo, além de plantar para manter a família, ele decidiu vender frutas nas feiras e ruas das cidades próximas a João Monlevade (cidade que era residente). Essa decisão foi tomada, visto que ele sempre almejou ter o seu próprio negócio, além de desejar uma maior flexibilidade no trabalho. Assim, ele passou a vender as frutas na sua cidade e cidades próximas, e posteriormente para regiões mais distantes, como Viçosa. Hoje, casado, ele tem ajuda da família para administrar a sua propriedade rural, que é o único

¹⁰A utilização de máquinas de cartão de crédito e mão de obra contratada aproxima os comércios informais dos formais, mas não os homogeneiza, uma vez que estes estabelecimentos estão atrelados a outros elementos informais, como a ausência de registro do imóvel, ocupação indevida do espaço público, dentre outros.

meio de sobrevivência do grupo, se dizendo satisfeito com a sua opção de trabalho (Sr. Francisco, 69 anos, ambulante).

Enfim, o comércio informal de Viçosa (MG) também demonstrou outras funcionalidades para as famílias envolvidas, principalmente, por possibilitar, em alguns casos, melhores condições de trabalho ou renda.

Desse modo, concordando com as colocações de Pamplona e Romeiro (2002) sobre a informalidade brasileira, a economia informal não é somente um eufemismo à pobreza, uma vez que pode ser tanto espaço de sobrevivência quanto de ascensão social. Além disso, a informalidade saiu da posição em que era considerada como um local de abrigo aos desempregados, para ser qualificada como núcleos dinâmicos e criativos; uma alternativa às relações capitalistas contemporâneas.

Nesse contexto, em Viçosa, alguns comerciantes viram o comércio informal como um local que permitia a manutenção dos laços entre famílias e/ou no interior da própria família.

7.1. O comércio informal como uma possibilidade de manutenção dos laços familiares

O comércio informal viçosense (MG) revelou-se não somente como um espaço que permitia o emprego e, conseqüentemente, uma renda para a família. Destacou-se, também, como um lugar repleto de sentimentos. De acordo com Gomes (2000), há lugares que ganham abrangência de significado, deixando de ser compreendido apenas como um espaço absoluto, para ser visto como um local carregado de simbolismo e que agrega ideias e sentidos produzidos por aqueles que o habitam. Assim, tornam-se lugares repletos de sentimentos, de identidade e de pertencimento individual e coletivo.

Durante a pesquisa, 9,8% dos comerciantes alegaram estar na atividade informal devido à possibilidade de continuar um trabalho iniciado pela família e 6,6% por entretenimento. Assim, diferentemente das estratégias destacadas anteriormente, para alguns comerciantes, o comércio informal se destacou pela possibilidade de manter os laços familiares entre diferentes famílias ou no interior do próprio grupo.

Em Viçosa, as famílias pertencentes a essa tipologia se destacaram, principalmente, por feirantes da Feira Livre que comercializavam produtos hortifrutigranjeiros. Os comerciantes entrevistados possuíam uma idade média de 45

anos – escolaridade máxima caracterizada pelo quinto ano do ensino primário – e uma renda mensal de dois salários mínimos, sendo a atividade informal responsável por 50% desse total. Além da atividade, a renda familiar era proveniente da produção agrícola, uma vez que 94% eram produtores rurais; e da aposentadoria (43% já eram aposentados). Suas mercadorias eram predominantemente de produção própria ou adquiridas na propriedade de algum membro familiar.

As suas condições de trabalho destacaram-se por estruturas precárias, caracterizadas por pequenas barracas ou balcões, onde expunham a sua mercadoria. Possuíam uma alta jornada de trabalho, perfazendo uma carga horária de dez horas diárias durante a semana e oito horas aos sábados. Além disso, os equipamentos utilizados na venda, produção e transporte das mercadorias, em sua maioria, eram equipamentos simples (não exigiam muitas habilidades e conhecimentos técnicos para utilizá-los).

Mesmo realizando suas atividades em condições restritas de trabalho, esses comerciantes se diziam satisfeitos com a atividade. Para eles, a feira não se apresentava apenas como um local de vendas, mas um lugar de encontros, onde se encontrava velhos amigos, fazia-se novas amizades, além de permitir o trabalho familiar. Esse sentimento de gratidão para com a feira era decorrente, principalmente, desta se apresentar como uma extensão do trabalho realizado no meio rural, como pode ser visto no relato a seguir:

Gosto de trabalhar aqui porque a gente faz muita amizade né?! E fica conhecendo muitas pessoas, é gostoso, depois que a gente acostuma é bom. Além disso, posso vender as coisas que planto lá na roça (Adão, feirante da Feira Livre, 63 anos).

De acordo com Wanderley (2000), apesar de o espaço rural estar em constante transformação com o envolvimento de diferentes atividades no seu ambiente, ainda é possível encontrar modos de produção e relações tradicionais.

Nesse contexto, os comerciantes informais caracterizaram-se por pequenos produtores rurais que possuíam, na base da sua unidade produtividade, o trabalho familiar, onde prevaleciam as relações de confiança entre os seus membros. Assim, esse coletivo assumia papel fundamental à medida que os valores e sentimentos compartilhados pelo grupo fundamentavam as relações estabelecidas na feira e, nesse

contexto, a família era a principal articuladora dos processos de manutenção cotidiana e de reprodução social desses grupos.

Como evidenciaram Sarti (2007), em seus estudos sobre as famílias de camadas populares, e Woortmann (1987), nos estudos sobre as famílias de produtores rurais no Nordeste do país, a família para aqueles grupos constituía-se como um valor moral, cuja ordem está centrada no princípio da reciprocidade e das obrigações, e cuja hierarquia se dá a partir da superioridade de toda a família sobre os indivíduos.

A importância da família enquanto um valor moral para a reprodução social do grupo evidenciou-se também, nesta pesquisa, como a possibilidade de continuidade do trabalho familiar de várias gerações. Nesse sentido, ao assumir essa atividade, o feirante busca preservar esse bem e a lembrança da família, como evidencia a fala do Gilmar, um feirante da barraca de hortifrutigranjeiro:

O meu pai montou essa barraca com muito sacrifício e criou a gente com a ajuda do dinheiro que ele ganhava aqui... e olha que a família é grande... somos nove filhos. Ele morreu e agora eu tento continuar com a barraca... isso era a vida dele. Quero continuar o seu trabalho! (Gilmar, feirante da Feira Livre, 37 anos).

Assim, nessa tipologia de comércio informal, os sentimentos de proximidade com outras pessoas, além do laço identitário do grupo com o trabalho e o espaço que realizavam a atividade, possibilitaram a legitimação desses comerciantes enquanto um grupo na sociedade. Portanto, o comércio informal se identificava, principalmente, por sua função simbólica, tendo como finalidade a manutenção da tradição familiar.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo identificar as diferentes finalidades que o comércio informal viçosense assumia na vida das famílias envolvidas, a partir do perfil de seus comerciantes e dos motivos que os levaram a inserir na informalidade. Para tanto, a pesquisa partiu-se do pressuposto de que o trabalho informal, atualmente estudado por diferentes autores, despontou como uma atividade importante e está cada vez mais presente no cotidiano das famílias brasileiras. Ao presenciar contextos sociais, culturais e espaciais diversos, os indivíduos e grupos buscavam na informalidade diferentes estratégias de sobrevivência física e social.

Referenciado por estudos que apontaram novas características da informalidade brasileira, em que esta não seria mais sinônima de atividades marginais à economia, a cidade de Viçosa, também, se mostrou diante dessa tendência nacional. Fruto de um processo de urbanização contraditório, Viçosa revelou-se conviver concomitantemente com características modernas e tradicionais, possuindo aproximadamente 230 comerciantes informais no seu espaço urbano.

Os comerciantes informais se revelaram por um perfil diversificado, mas, de modo geral, caracterizaram-se por pessoas do sexo masculino, casados, com idade média de 44 anos e que possuíam, em sua maioria, o ensino fundamental como a escolaridade máxima. E, ainda, por comerciantes que vendiam diferentes tipos de mercadorias, como produtos hortifrutigranjeiros, comidas, artesanatos, itens de vestuário, artigos para leitura, produtos eletrônicos e flores.

Além disso, as justificativas apresentadas pela inserção na informalidade foram diversas: desemprego, complementar a renda familiar, boa oportunidade de trabalho, continuar a tradição familiar, trabalhar por conta própria e entretenimento. Assim, a finalidade que a atividade exercia na vida de seus comerciantes não estava limitada à única opção de renda, mas, também, a uma opção de emprego, onde os comerciantes acreditavam que conseguiriam melhores condições de vida ou, ainda, a manutenção dos laços familiares.

A partir desta pesquisa, foi possível evidenciar que, independente da função que a informalidade exercia para as pessoas envolvidas, a família mostrou-se como a principal referência para a manutenção das relações construídas no cotidiano dessa atividade. O comércio informal e a família estabeleciam uma relação complementar, pois, ao mesmo tempo em que o grupo familiar instituíam uma moral que perpassava as diferentes relações construídas nos espaços de comércio informal, a família encontrava nos seus espaços um dos seus códigos de reprodução enquanto um grupo social. Assim, na base da informalidade, estava a lógica de organização dos grupos familiares, marcada por uma identidade que estava diluída entre os espaços do trabalho e da casa. Portanto, é importante afirmar que a informalidade na cidade de Viçosa (MG) possuía um caráter tanto funcional quanto simbólico.

9. REFERÊNCIAS

- CACCIAMALI, M. C. Globalização e processo de informalidade. **Economia e Sociedade**, Campinas, n.14, p.153-174, jun. 2000.
- CARVALHO, M. C. L. de. O setor informal, o Estado e os movimentos sociais. **Cadernos do CEAS**, Salvador, n.124, p.22-41, nov./dez. 1989.
- CASTELLS, M. **O poder da identidade**. A era da informação: economia, sociedade e cultura. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. v.2, 2009.
- COELHO, T. Economia informal: Crescem os pequenos. **Caderno do Terceiro Mundo**, Rio de Janeiro, n.151, p.26-30, jun. 1992.
- COSTA, A. B.; RODRIGUES, C. **Estratégia de sobrevivência de famílias em Luanda e Maputo**. 1995. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/7024.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2010.
- GOMES, P. C. da C. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. 368p.
- GONÇALVES, M. A. Reestruturação Produtiva e Precarização das Relações de Trabalho. **Revista eletrônica Pegada**, Presidente Prudente, v.2, n.1, out. 2001. Disponível em: <<http://www4.fct.unesp.br/ceget/pegadaframe.htm>>. Acesso em: 22 ago. 2010.
- GUIMARÃES, I. B. Trabalho familiar e participação familiar. **Cadernos do CRH (UFBA)**, Salvador, v.35, n.1, p.36-46, 2002.
- HIRATA, G. I.; MACHADO, A. F. Conceito de informalidade/formalidade e uma proposta de tipologia. **IPEA: Mercado de trabalho**, n.34, p.24-29, nov. 2007.
- LELIS, J. L. **Territórios da Informalidade**: as diferentes estratégias reprodutivas das famílias inseridas no comércio informal de Viçosa. 2011. 201 f. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2011.
- MACHADO, A. F.; PENIDO, M.; OLIVEIRA, J. M. de. **Análise de sobrevivência na posição de trabalhador por conta própria no Brasil metropolitano (1997 a 2001)**. Encontro nacional da associação brasileira de estudos do trabalho, 9, 2005, Recife. Anais. São Paulo: Abet, 2005.
- MATOS, R. Desigualdades socioespaciais: inserções teóricas e conceituais e discussão do caso brasileiro. In: MATOS, R.; SOARES, W. (Orgs.). **Desigualdades, redes e espacialidades emergentes no Brasil**. Rio de Janeiro: Garamond, 2010. 348p.
- PAMPLONA, J. B.; ROMEIRO, M. do C. Desvendando o Setor Informal: Relatos de uma Experiência Brasileira. **Revista Eletrônica da Associação Brasileira de Estudo**

do Trabalho, São Paulo, v.2, n.1 p.01-23, mar. 2002. Disponível em: <<http://www.revista.abet-trabalho.org.br/viewwarticle.php>>. Acesso em: 19 jul. 2007.

SANTOS, M. **A economia espacial: críticas e alternativas**. 3. ed. São Paulo: EDUSP, 2003. 204p.

SANTOS, M. O circuito inferior. In: **O Espaço Dividido: Os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, p.197-261, 1999.

SARTI, C. A. Famílias enredadas. In: COSTA, A. R.; VITALE, M. A. F. (Org.). **Família, Redes, Laços e Políticas Públicas**. 3. ed. São Paulo: Cortez, p. 267-274, 2007.

TELLES, V. S. **Nas tramas da cidade**. Trajetórias urbanas e seus territórios. São Paulo: Humanitas, 2009.

WANDERLEY, M. N. B. A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas: o “rural” como espaço singular e ator coletivo. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Pernambuco, n.15, out. 2000.

WOORTMANN, K. “Com parente não se neguceia”, o campesinato como ordem moral. **Anuário Antropológico**. Brasília: Tempo Brasileiro, p.11-73, 1987.

*Recebido em 25 de abril de 2011 Aceito em 27 de julho de 2011.